

Nº 23 - JANEIRO / JUNHO 2016

MAIS
TMJB

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

JANEIRO

A tragédia optimista

FEVEREIRO

Josef Nadj

ABRIL

Frei Luís de Sousa

MAIO

Claude Régy



Imaginação (e paciência)

A entrevista de Claude Régy que publicamos neste número termina com a seguinte frase: “é importante (...) criar espaços em que possamos utilizar a imaginação”. Com 92 anos de idade, e 63 de actividade, para o encenador francês é premente que os espectadores possam ter uma participação activa no acto teatral, sendo-lhes dada a possibilidade de utilizar aquilo que os torna singulares: a capacidade de imaginar. Em Maio Régy apresenta-nos *La barque le soir*, abordando os limites da consciência – e da vida –, e convocando-nos para um espectáculo que só se iniciará realmente quando abandonarmos a sala.

Também de França nos chega, já em Fevereiro, a nova coreografia de Josef Nadj, *Pour Dolorès*, cujo ponto de partida consistiu num encontro (fortuito?) entre o coreógrafo e uma misteriosa máscara com rosto de mulher, numa feira de velharias – rosto esse para quem Nadj inventa uma identidade. E de Itália trazemos em Maio *La merda*, que convenceu em 2012 o público de Edimburgo, e que valeu à actriz Silvia Gallerano o Prémio de Melhor Interpretação Feminina desse ano. Neste monólogo de Cristian Ceresoli, colaborador habitual do Teatro Valle Occupato di Roma, uma jovem actriz denuncia veementemente a vacuidade do “Mundo das Coisas”.

A Companhia de Teatro de Almada terá dois espectáculos em carreira: *A tragédia optimista* (em Janeiro) e *Frei Luís de Sousa* (em Abril). E ainda acolhemos, nos primeiros seis meses do ano, quinze companhias maioritariamente de fora da Grande Lisboa (espectáculos para os mais pequenos serão cinco, para além das quatro produções para a infância da CTA). Entre Janeiro e Junho, da dança portuguesa contemporânea apresentamos Clara Andermatt e Victor Hugo Pontes. Na música, em seis espectáculos iremos da ópera ao *hip hop* – d’As bodas de Fígaro aos HMB.

Entramos em 2016 a viver coisas, dizem-nos, nunca dantes vistas. No mundo das artes vai correndo, à boca pequena, algum optimismo aliado às costumeiras expectativa e prudência. Pela parte que nos toca, esperamos convocar-vos para a imaginação. Porque “numa época em que se regressa obsessivamente à lógica do divertimento” é preciso aprender a ter paciência, como nos diz o Mestre francês na referida entrevista. E porque sem imaginação, ao invés de participarmos activamente na construção do futuro, havemos de ficar à espera de que ele no-lo seja outorgado – e relegado para a gaveta das coisas sem importância.

Rodrigo Francisco
Director artístico do TMJB

Nº 23 | JANEIRO / JUNHO 2016



Colaboram neste número Ângela Pardelha, Liliana Monteiro, Marina da Silva e Rodrigo Francisco. Revisão Ana Carriço e Ana Patrícia Santos. Grafismo João Gaspar Capa Rui Carlos Mateus. Impressão Grafedisport, SA. Propriedade e distribuição Companhia de Teatro de Almada, CRL.

Teatro Municipal Joaquim Benite, Av. Prof. Egas Moniz, Almada
Telefone: 21 273 93 60 | Fax: 21 273 93 67 | geral@ctalmada.pt
www.ctalmada.pt | www.facebook.com/TeatroMunicipalAlmada

JAN-DEZ 2016

A TRAGÉDIA OPTIMISTA

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

13 a 31 JAN

I CAN'T BREATHE

CULTURPROJECT

22 JAN

INSTRUÇÕES PARA VOAR

ACTA - A COMPANHIA DE TEATRO DO ALGARVE

28 | 29 e 30 JAN

POUR DOLORES

CENTRE CHOREGRAPHIQUE D'ORLEANS

06 FEV

O FANTASMA DAS MELANCIAS

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

06 | 07 e 09 FEV

AS CONFISSÕES VERDADEIRAS DE UM TERRORISTA ALBINO

TEATRO GRIOT

13 e 14 FEV

AS BODAS DE FÍGARO

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

17 FEV

AFONSO HENRIQUES TRÊS EM UM

OUTPUT TEATRAL DE LISBOA

20 e 21 FEV

DRAMAS DE PRINCESAS

ARTES E ENGENHOS

26 e 27 FEV

TIAGO BETTENCOURT

27 FEV

SE ALGUMA VEZ PRECISARES DA MINHA VIDA, VEM E TOMA-A

NOME PRÓPRIO - ASSOCIAÇÃO CULTURAL

04 MAR

D. RAPOSA E OUTROS ANIMAIS

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

05 e 06 MAR

ORQUESTRA DE CÂMARA PORTUGUESA

06 MAR

TROLL TIMES

ALMA D'ARAME - ASSOCIAÇÃO CULTURAL

12 e 13 MAR

ANTÓNIO E MARIA

TEATRO MERIDIONAL

12 MAR

PENDENÇA SEM MERCÊ DE QUERER BEBER SEM TER O QUÊ

TEATRO LÍNGUA

18 e 19 MAR

ONDE O FRIO SE DEMORA

NARRATIVENSAIO - AC

25 | 26 e 27 MAR

FREI LUÍS DE SOUSA

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

01 a 30 ABR CRIAÇÃO

BARBA AZUL

TEATRO DE MARIONETAS DO PORTO

02 e 03 ABR

VERDI QUE TE QUERO VERDI

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

16 e 17 ABR

24A74

TEATRO DO NOROESTE

23 e 24 ABR

SUGESTÕES PARA O LAR

AS BOAS RAPARIGAS...

30 ABR

HMB

07 MAI

OS GATOS

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

07 e 08 MAI

SUSPENSÃO

COMPANHIA CLARA ANDERMATT

13 MAI

ORATÓRIA DO VENTO

COMPANHIA DE TEATRO DE BRAGA

15 MAI

LA MERDA

PRODUZIONI FUORIVIA

21 MAI

O SOLDADINHO

TEATRO DE FERRO

21 e 22 MAI

LA BARQUE LE SOIR

LES ATELIERS CONTEMPORAINS

27 | 28 e 29 MAI

ANTÓNIO ROSADO COM ENSEMBLE DARCOS

03 JUN

ORQUESTRA GERAÇÃO

04 JUN

A CORES

PERIPÉCIA TEATRO

04 e 05 JUN

JOANA AMENDOEIRA

17 SET

REI LEAR

ENSEMBLE - SOCIEDADE DE ACTORES

24 SET

O FEIO

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

28 SET a 16 OUT CRIAÇÃO

THE ART OF LOSING

COMPANHIA DE DANÇA DE ALMADA

29 e 30 SET CRIAÇÃO

ALA DOS NAMORADOS

01 OUT

CICLO BEETHOVEN

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

07 e 09 OUT

CABELOS EM PÉ!

LUA CHEIA - TEATRO PARA TODOS

08 e 09 OUT

NAO D'AMORES

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

15 OUT a 13 NOV CRIAÇÃO

PASTÉIS DE NATA PARA BACH

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

22 e 23 OUT

AS VIAGENS DE GULLIVER

LIMITE ZERO - ASSOCIAÇÃO CULTURAL

05 e 06 NOV

BELOVED SINNER

DENIS RAFTER

11 | 12 e 13 NOV

CABARET ALEMÃO

TEATRO DO BAIRRO

17 | 18 | 19 | 24 | 25 e 26 NOV

BARTOLINA E OS SEUS BOTÕES

VALDEVINOS TEATRO DE MARIONETAS

19 e 20 NOV

MORTE

AO CABO TEATRO

26 e 27 NOV

NOITE DA LIBERDADE

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

02 a 11 DEZ CRIAÇÃO

O BARBEIRO DE SEVILHA

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

06 a 18 DEZ

CANTE

ENSEMBLE DARCOS

16 DEZ

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO

29 e 30 DEZ

MARIA CONDADO

Intervalo

16 JAN a 27 MAR

ISABEL GARCIA

Hansel e Gretel

09 ABR a 19 JUN

MARGARIDA JARDIM

A ver vamos

09 JUL a 02 OUT

ANDREA BRANDÃO

Título descritivo

15 OUT a 30 DEZ

EXPOSIÇÕES

CLUBE DE AMIGOS DO TMJB

CLUBE DE AMIGOS
TEATRO MUNICIPAL
JOAQUIM BENITE

Produções da CTA: entrada gratuita e 50% de desconto para os acompanhantes

Espectáculos acolhidos: 50% de desconto e 30% de desconto para os acompanhantes

Menu de refeição completa por 7,5€ no Restaurante do Teatro

50% de desconto nas edições da Companhia de Teatro de Almada

20% de desconto nas Assinaturas para o Festival de Almada



Ana Cris, que se estreou profissionalmente na Companhia de Teatro de Almada em Julho de 2011, interpreta o papel da Comissária.



Um episódio trágico da revolução russa

“Como pensar o comunismo hoje em dia?”. É este o ponto de partida da criação portuguesa d’*A tragédia optimista*, de Vsevolod Vichnievski, que se interroga sobre o futuro da revolução russa. Não é por acaso que esta peça não é muito montada. Em França, depois de Jean-Pierre Vincent, em 1974, foi Bernard Sobel, em 1998, quem fez brilhar o texto, com a bela interpretação de Anne Alvaro no papel da Comissária bolchevique, intransigente e exaltada. Em Portugal, a encenação de Rodrigo Francisco no Teatro Municipal Joaquim Benite é uma estreia absoluta. É verdade que *A tragédia optimista* – cujo enredo poderia parecer datado, por tratar da oposição entre comunistas e anarquistas num determinado contexto histórico – carece de uma transposição dramatúrgica para a nossa realidade, mas foi justamente essa circunstância que motivou o encenador português a levá-la à cena.*

O texto, épico e lírico, foi escrito e reescrito pelo próprio Autor. Primeiro, em 1932, e depois, para atenuar a hostilidade com que foi recebido, Vsevolod Vichnievski propôs ainda mais duas versões: uma de 1937 e outra de 1945. Na última versão, a sua crítica aos anarquistas torna-se numa acusação bem mais radical, considerando-os “traidores” da Revolução de Outubro.

CONTORNOS DE UMA GUERRA

Por outro lado, são necessários pelo menos doze actores para os papéis principais, e outros tantos actores/figurantes para conseguir recriar a respiração e o ritmo desse grande fresco construído como um filme, com os seus planos-sequência que põem em cena a rebelião de uma tripulação de marinheiros do Báltico. Em Almada contam-se mais de quarenta intérpretes, entre actores profissionais e estagiários do curso de teatro de uma escola da cidade. E foi a primeira versão, na tradução original de António Pescada (*compagnon de route* da companhia e russófilo), a escolhida para nos fazer chegar as peripécias dessa tragédia, a um tempo política e poética.

Estamos em plena guerra civil russa. Os bolcheviques tomaram o poder em Outubro de 1917 e fazem face à oposição dos russos brancos, apoiantes do Czar e do império – mas também têm de opor-se aos anarquistas, que não se revêem no projecto de sociedade proclamado por Lenine. Na frente de batalha os soldados, envolvidos em combates terríveis e com a notícia de que as suas famílias definhavam, desertam em massa.

UMA COMISSÁRIA DETERMINADA

A bordo de um navio de guerra desafectado, num porto do Mar Negro, forma-se um comité revolucionário que contesta a autoridade do partido bolchevique. É neste contexto que chega à embarcação uma jovem comissária política. Sozinha face a este grupo de homens um tanto embriagados e prontos a violá-la, a Comissária marca a sua autoridade executando, sem hesitação, o primeiro que se lhe chega demasiado perto. Os pontos estão postos no is. Faltam os desenvolvimentos do conflito. O grupo irá envolver-se em diversas querelas ideológicas, revelando personagens construídas simultaneamente como arquétipos e seres individualizados, com colorações psicológicas e afectivas que lhes são próprias: o Cabecilha (Adriano

Carvalho), o Comandante (Pedro Lima), Aleksei (João Tempera), Vainonen (José Redondo) e a Comissária (Ana Cris) pronta a conduzir o regimento de marinheiros para a morte, consigo na dianteira. Com uma interpretação espantosa, Ana Cris, pequena e magrinha, surpreende-nos pela forma como preenche o espaço e impõe as suas convicções, com uma presença determinada e bem ancorada.

OPOR O CAOS À UTOPIA

A peça multiplica-se por tantas cenas quantos os pontos de vista. Em torno do barco, a vida irrompe através de imagens do quotidiano, trágicas e sucessivas, que se encaixam umas nas outras. Primeiro, os marinheiros atiram borda fora um camarada acusado de roubar um porta-moedas a uma velhota. Mas quando se descobre que afinal não houvera roubo nenhum, é a própria velhota quem vai pelo mesmo caminho. Mata-se a torto e a direito, pelo motivo mais insignificante. Como se se tratasse de um eco dos sangrentos confrontos na frente de combate. Mas também se vive e se ama. A peça interroga-se sobre o futuro e sobre o próprio sentido da revolução, opondo a consciência colectiva à individual, e o caos à utopia. Trata-se também de uma meditação sobre a morte e aquilo

que está para além dela: “*Os fins justificam os meios?*”. Esta é também a pergunta que Vichnievski ousa colocar em 1932, na sua peça construída como uma tragédia grega – antes de se submeter, e de reescrever a primeira versão do seu texto. Trata-se de um espectáculo que requer uma sólida direcção de actores, capaz de tirar partido da sua coralidade e dos movimentos coreográficos, valorizados através dos enquadramentos e da sucessão dos esbatimentos das belas luzes de Guilherme Frazão. A construção cenográfica (desenhada por Manuel Graça-Dias e Egas José Vieira) foi colocada ao serviço do texto e da representação. *A tragédia optimista* é uma obra que convida, citando Gramsci, a “*aliar o pessimismo da inteligência ao optimismo da vontade*” – para que possamos analisar a realidade contemporânea.

MARINA DA SILVA

* Artigo publicado originalmente no jornal francês *L’Humanité*, cuja tradução integral transcrevemos.

A TRAGÉDIA OPTIMISTA

De Vsevolod Vichnievski
Encenação de Rodrigo Francisco

13 a 31 JANEIRO

QUA a SÁB às 21H30 // DOM às 16H00



Por uma máscara tua: lúcida e comovente

Já se vinha anunciando na sua criação anterior: essa *Paisagem desconhecida* em jeito de *jam session*. A cumplicidade entre Josef Nadj e Ivan Fatjo aperfeiçoa-se de espectáculo para espectáculo. A cada travessia, as paisagens interiores revelam-se mais arriscadas, mais densas, tornando-se no entanto mais inteligíveis. *Pour Dolorès* é uma coreografia tão límpida e lúcida quanto complexa e arrebatadora – a um tempo fascinante e comovente.

Depois de terem tapado os rostos com meias de nylon, em *Paysage inconnu*, Nadj e Fatjo passam a usar máscaras propriamente ditas. Esses rostos duros, com olhos exorbitantes, são tão inocentes quanto maliciosos, reunindo doçura e determinação. Nadj comprou a sua máscara numa feira de velharias, e compreende-se facilmente o seu fascínio pela expressividade misteriosa e melancólica desse objecto inanimado. Nessa máscara, encontrada num refego do destino, desenham-se, simultaneamente, a dor, a estupefacção, a dúvida e a sensibilidade, anunciando uma ferida universal mal cicatrizada – o mal-estar de estar no Mundo. No passo seguinte, a dupla criou uma cópia desse rosto, mas que, como única diferença, “*olha noutra direcção*”.

MELANCOLIA SURDA

Esculpidos na madeira, esses traços expressivos relevam tanto do teatro de *Guignol* como do expressionismo, tanto do *Nô* como da *Manga*. Deles se solta uma paixão silenciosa que contrasta com os corpos estranhos dos intérpretes, vestidos com os fatos negros de executivo que Nadj impôs como seu emblema e único figurino possível. A melancolia não é um estado de alma muito ruidoso. A esta sonoridade contida junta-se a coreografia própria de Nadj, feita de rupturas e de atritos, que pretende suscitar-nos a caricatura do próprio coreógrafo, se alguma vez lhe passasse pela cabeça disfarçar-se de mulher.

Quando Fatjo se apropria da linguagem corporal de Nadj, a cumplicidade dos dois produz um reflexo. Cada um espelha-se no seu *alter ego*, criando-se um efeito de dobramento, adicionado ao apagamento das identidades sexuadas. Mas *Pour Dolorès* aposta antes de mais na ambiguidade entre inocência e cruzeza. Os dois irmãos gémeos são como crianças, levados pela curiosidade natural de explorarem os corpos, os objectos e os sons que os rodeiam. Brincam aos cirurgiões, enfiam agulhas e seringas onde podem, dissecam as cordas de um violoncelo, e cometem atrocidades metafóricas sem que se dêem conta. A inocência infantil só adensa o mistério. Nadj e Fatjo fazem-nos regressar à infância, o que não põe de lado o universo do expressionismo e dos filmes de terror. A sua gestualidade prolonga maravilhosamente a expressão em madeira da máscara. E não estaríamos no universo de Nadj se a construção das personagens não passasse por pequenos traços de animalidade, surgidos no seu trabalho com a naturalidade que lhe conhecemos. *Pour Dolorès* renegoceia as identidades dos intérpretes por meio de vários cruzamentos. Mas a complexidade da construção transforma-se, quando executada, numa simplicidade absoluta, o que apenas pode conduzir-nos a uma conclusão: estamos perante alguns elementos-chave da psique humana. | THOMAS HAHN

POUR DOLORES

Coreografia de Josef Nadj
Centre Chorégraphique National d'Orléans

06 FEVEREIRO // SÁB às 21H30



Josef NADJ

Encarar a dança como um lugar de encontro: é desta forma que Nadj define o seu trabalho. Intérprete, mas também artista plástico e fotógrafo, o coreógrafo lança um olhar poético e apaixonado sobre a Humanidade. Josef Nadj nasceu em Voivodina, na Sérvia. Inclinou-se para o desenho. Mas após uma formação em Belas-Artes, em Budapeste, foi para Paris, onde estudou música e também *tai-chi* e *butô*. A sua abordagem à dança, inovadora e insolente, impô-lo imediatamente como pioneiro. Desde o início da sua carreira, mais de 400.000 espectadores, repartidos pelos cinco continentes, puderam já apreciar as suas coreografias. Josef Nadj apresentou-se no Festival de Almada em 2011, com *Les corbeaux*, e em 2014, com *Paysage inconnu*.



Ivan FATJO

Ivan Fatjo Chaves é originário da Costa Rica, onde estudou música e teatro no Conservatório. Entre 1997 e 2011 colaborou com diversas estruturas como desenhador de luz para dança, teatro e música. Entre 2001 e 2003 estudou dança no CNDC de Angers. O seu percurso como intérprete iniciou-se com Cyril Davy, Jimmy Ortiz, Claude Brumachon, Abou Lagraa, Joëlle Bouvier, Nathalie Béasse e a Companhia Androphyne. Colaborou com Hans Den Broeck, e em 2007 cruzou-se com Josef Nadj, passando a participar regularmente nas suas criações. Para além do seu trabalho como intérprete, Fatjo dedica-se igualmente às suas criações, nomeadamente aos duos criados com Carole Bonneau, Pascal Merighi e Estelle Delcambre.

Um drama português: Garrett e o Sebastianismo

No dia 1 de Abril, a Companhia de Teatro de Almada estreia *Frei Luís de Sousa*, a pensar no público estudantil mas, sobretudo, em todos os amantes da Literatura e da História do nosso País. A obra-prima de Almeida Garrett é simultaneamente o manifesto de um escritor romântico, uma ferramenta ao serviço da renovação do teatro português e um clássico da literatura dramática, estudado actualmente pelas turmas do 11.º ano. Rogério de Carvalho, recentemente distinguido com o prémio da APCT, assina a encenação e regressa a um dos seus temas favoritos: a família como microcosmo do desarranjo do Mundo.

Almeida Garrett morreu em Dezembro de 1854, pouco antes de completar 56 anos. Mesmo assim, ao longo da sua existência, foi um político activo e um homem de letras apaixonado, que não desistiu de cultivar, num e noutro campo, um país à medida dos seus sonhos. No meio das lutas que travava contra os absolutistas, e que consumiam grande parte do seu tempo e da sua energia, Garrett compunha romances, poemas e peças de teatro, resgatando do passado literatos de incontestável prestígio – como Camões, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro ou Frei Luís de Sousa – e imaginando personalidades anónimas, às quais conferia a nobreza de carácter que sentia faltar aos homens do seu tempo. Era, por sua vez, incapaz de se rever no teatro que o precedia, merecendo-lhe duras críticas a imitação servil de gregos, latinos e franceses. “*Quem cantava um assunto nacional, quem descrevia um sítio da sua terra, quem recorria a outro maravilhoso que não fosse o do Olimpo?*”, perguntava o autor na célebre *Memória ao Conservatório Real*. Com a revolução de Setembro de 1836 e com a subida ao poder de Passos Manuel, recaiu sobre Garrett a responsabilidade de empreender várias reformas culturais, entre as quais se incluiu a organização de um teatro nacional (o actual Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa), a fundação de uma escola de formação de actores (o Conservatório), e a defesa de um novo paradigma de criação literária

que rompesse, em definitivo, com o teatro da Arcádia. Escrito em 1843, *Frei Luís de Sousa* estabeleceu a fasquia para a produção romântica vindoura. No manuscrito, o dramaturgo acrescentava: “*Parece-me que não fiz uma coisa de teatro; não sei, mas o teatro trágico moderno ou há-de ser isto ou não é nada*”.

AS CONVULSÕES DA PÁTRIA

De facto, Garrett confiava no equilíbrio de *Frei Luís de Sousa*. Estava satisfeito com o compromisso que tinha alcançado entre a modernidade da expressão em prosa e o fatalismo da tragédia clássica, com as suas personagens inocentes precipitando-se para a catástrofe. Congratulava-se, sobretudo, com o assunto nacional que tinha escolhido desenvolver, inspirado por uma das versões que tentavam explicar a entrada de Manuel de Sousa Coutinho (c. 1555-1632) para o Convento de S. Domingos de Benfica. Segundo um dos biógrafos daquele que foi escritor e capitão-mor de Almada, um peregrino trouxera-lhe a notícia de que o primeiro marido da sua mulher, de seu nome D. João de Portugal, continuava vivo na Terra Santa, mais de trinta anos volvidos sobre o seu desaparecimento na fatídica batalha de Alcácer-Quibir. Como esta informação tornava ilegítima a união de D. Manuel e de D. Madalena de Vilhena, o casal resolve separar-se e professar. D. Manuel troca o seu nome secular pelo de Frei Luís de Sousa e D. Madalena, entretanto acolhida no Convento do Sacramento, passa a responder pelo nome de Soror Madalena das Chagas.



Teresa Gafeira (na foto) e António Fonseca interpretam o casal Madalena e Manuel de Sousa Coutinho.

Para além do drama familiar, a história permitia a Almeida Garrett explorar o contexto político do início do século XVII: as consequências nefastas da batalha de Alcácer-Quibir, a humilhação imposta pelo domínio filipino, o nascimento fulgurante do mito sebastianista. O autor procurou até adensar essa carga simbólica, desde logo tirando partido do episódio em que Manuel de Sousa Coutinho incendia o seu palácio para não ter de receber em sua casa os governantes castelhanos que fugiam da peste que grassava em Lisboa. Por outro lado, Garrett colocava este exemplo de resistência em diálogo com o misticismo de Telmo Pais, velho escudeiro de D. João de Portugal, e de Maria, único fruto do segundo casamento de D. Madalena. A função de ambos passava, sobretudo, por impedir a obliteração do passado.

UMA PEÇA DE REPERTÓRIO

Esta é a primeira vez que Rogério de Carvalho leva à cena uma peça de Almeida Garrett. Agora que se confronta de perto com o texto, o encenador assume que se trata de “*um texto muito interessante*”. Na sua opinião, a herança cultural que representa é motivo mais do que suficiente para continuar a levá-lo à cena. “*Frei Luís de Sousa é uma obra bastante representativa e digna para o nosso público. Faz parte do repertório de uma companhia. É um clássico do teatro português e, por isso, é preciso que continue a estar sempre à disposição do público*.” Fazê-lo em Almada é particularmente especial, não só por existir uma estreita ligação entre o espaço da

acção e a cidade onde há quase quarenta anos está sediada a CTA, mas também porque a companhia tem vindo a debruçar-se regularmente sobre a obra do autor de *Viagens na minha terra*. *Frei Luís de Sousa* será o quinto texto de Almeida Garrett a subir ao palco, desde que Joaquim Benite encenou, em 1989, *D. Filipa de Vilhena*. Seguiram-se-lhe, em 1999, *Viagens na minha terra*, *O noivado no Dafundo* e *Corcunda por amor* (encenação de Vítor Gonçalves) e, em 2011, *Falar verdade a mentir* (encenação de Rodrigo Francisco). Na sua leitura, Rogério de Carvalho não abre mão do significado político e cultural do texto. “*Há pontos de referência que sustentam o percurso das personagens e que não permitem que o significado da peça se reduza ao de um simples drama familiar. O texto reflecte as crises que afligiram Portugal ao longo da História – e que subsistem no presente. Percorre-o um sentimento de revolta, nomeadamente no que diz respeito à batalha de Alcácer-Quibir, à dinastia dos Filipes de Espanha, ao conflito entre liberais e absolutistas*.” Residirá neste ponto a contemporaneidade da peça, agora levada à cena?

ÂNGELA PARDELHA

FREI LUÍS DE SOUSA

De Almeida Garrett
Encenação de Rogério de Carvalho

01 a 30 ABRIL

QUA a SÁB às 21H30 // DOM às 16H00



Claude Régy: à margem da consciência

Infatigável descobridor de novos textos, Claude Régy prossegue a sua exploração das literaturas nórdicas com *La barque le soir*, a partir da obra do norueguês Tarjei Vesaas. O decano encenador francês regressa com mais uma proposta assente nos limites do acto teatral – e sem precipitações, para que não se confunda *ritmo* com *rapidez*.

Porquê o regresso a Tarjei Vesaas? Aquilo que em primeiro lugar me despertou a atenção neste livro foi o tipo de escrita – cheia de saltos, de sobressaltos.

Para ler Vesaas temos de aceitar perdermos-nos, ficar à espera de que sejam visíveis os fios nos quais as coisas estão penduradas. Trata-se de pedaços de recordações pessoais, de uma travessia sua, por meio de fragmentos, que nos toca em algo que está para além do inconsciente. Creio que Lacan falava dessa região – que para ele permanecia um mistério. No texto seguimos uma consciência que desliza e se afunda. Somos levados com ela, engolidos por uma força que nos precipita numa água sombria, asfíxiante... Mas, sem que se saiba como, surge uma corrente que faz regressar esse homem à superfície, e ele agarra-se a um ramo de uma árvore a boiar. Vesaas inventa uma navegação estranha, entre duas águas: a deriva de um ser que já não está, de todo, consciente, e que é dado como meio-morto. Uma vida que só a custo é mantida fora da morte. Foi este estado ambíguo – feito de morte e de vida, de obscuridade e de luz, unindo as profundezas e a superfície – que me atraiu. Estamos sempre entre uma coisa e a outra.

À medida que a consciência diminui, o universo alarga-se...

Sim: o homem afogado, enquanto está agarrado ao tronco da árvore, ouve ruídos. Pende inteiramente para o lado do imaginário. A escrita procura reconstituir

essa passagem bastante frágil do “*imaginário puro*” para aquilo a que chamamos o Real, ou da *normalidade* para a *loucura*. Essa fronteira, há que abaná-la: o limite da consciência é também a margem da alucinação.

Fica-se com a sensação de que estamos presos a um *ser-outro*...

Sim, um *ser-outro*: somos lançados na vertente mais indecifrável de nós mesmos. O estado prolongado de extrema proximidade da morte permite-nos abeirarmo-nos da fronteira entre o conhecido e o desconhecido. Ao dilatar as margens da vida, faz-nos entrever aquilo que habitualmente é invisível. De repente, estamos perante uma aventura totalmente única, que é aquela para a qual convido os espectadores. Bem entendido, é preciso que se queira viver essa experiência – que não será da ordem da espectacularidade nem do divertimento, mas sim da pesquisa.

Como é que se desenvolve uma dramaturgia como esta?

O trabalho de quem faz teatro baseia-se essencialmente na revelação dos diferentes níveis de imaginário de um texto. A beleza do espectáculo manifesta-se a partir das palavras, desde que sejam ultrapassadas e atinjamos as lacunas, as faltas, os silêncios. Infelizmente, hoje em dia, o trabalho sobre os textos debruça-se, as mais das vezes, no virtuosismo da elocução, na apresentação, no furor dramático – aquilo a que alguns chamam *o ritmo*, mas que confundem com *rapidez*... Há quem goze com a extrema lentidão do meu teatro, com

esse gosto do silêncio. Pela parte que me toca, escolhi colocar-me do lado da não-expressão, isto é, da não-representação.

Temos a sensação de que qualquer coisa está iminente.

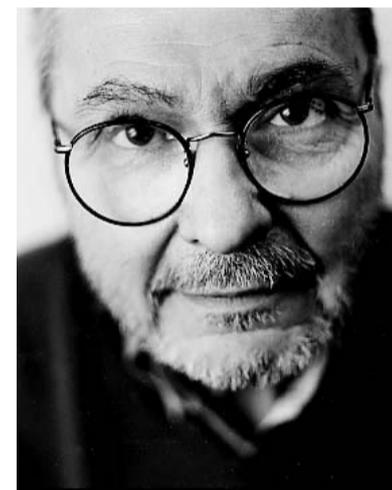
Há uma frase que, para mim, explicita essa fronteira: “*Ele entreviu alguma coisa que de modo algum entendia*”. “*Ele entreviu*” – sempre prudente – “*alguma coisa*” – muito vago – “*que de modo algum entendia*”. Interpreto esta ideia como a possibilidade de ser possível perceber algo que está para além da nossa compreensão. Parece-me que a preocupação com a criação de um sentido, a qualquer preço, limita sempre a percepção. Quanto mais frequentarmos o desconhecido, mais poderemos abrir certas portas, das quais não tínhamos consciência prévia. Se os espectadores não perceberem tudo logo a partir dos primeiros cinco minutos, não é grave. É preciso aprender a ter paciência. Numa época em que se regressa obsessivamente à lógica do divertimento, ou da violência exacerbada, parece-me importante criar espaços nos quais não nos é dado nada à partida. Espaços onde predomine aquilo que ainda não está resolvido. Espaços em que possamos utilizar a imaginação.

GILLES AMALVI

LA BARQUE LE SOIR

A partir de Tarjei Vesaas
Encenação de Claude Régy
27 a 29 MAIO

SEX e SÁB às 21H30 // DOM às 16H00



Claude REGY

Claude Régy nasceu em 1923. Ainda adolescente, a leitura de Fiódor Dostoiévski agiu nele “*como um golpe de machado que fende um mar gelado*”. Depois dos estudos em Ciências Políticas, estudou Arte Dramática com Charles Dullin. Em 1952, a sua primeira encenação foi a estreia absoluta em França de *D. Rosinha, a solteira*, de Federico Garcia Lorca. Depressa se afastou do realismo e do naturalismo psicológicos, renunciando ao mesmo tempo à simplificação do teatro dito *político*. Nos antípodas do entretenimento, preferiu aventurar-se noutras espaços da representação e da vida: os espaços perdidos. São as dramaturgias contemporâneas que o guiam na direcção de experiências-limite, nas quais se diluem todas e quaisquer certezas acerca da natureza do Real.

Estar no teatro como em casa: do “in yer face” transalpino a mestre Gil, lido de novo, pelos novos

Até Junho o TMJB acolhe onze produções de teatro. Almada será o ponto de encontro de companhias vindas de vários pontos do País, mas também do estrangeiro, de onde nos chega um dos êxitos da edição de 2012 do Festival Fringe de Edimburgo. *La merda*, de Cristian Ceresoli, juntar-se-á assim a espectáculos que ora desvendam o património literário português, ora adaptam textos narrativos.

Duas realidades parecem preocupar os jovens criadores: a relação com a memória e a consciência de que o caminho seguido pela sociedade contemporânea tem, apesar de todas as conquistas científicas e tecnológicas, troços sombrios e perigosos. Com *I Can't Breathe*, Elmano Sancho propõe que reflectamos sobre o efeito “pornográfico” que as redes sociais e a televisão têm sobre as nossas vidas, expondo pedaços da nossa intimidade e, paradoxalmente, cultivando a indiferença. Depois de se ter estreado na encenação em 2014, com *Misterman*, esta é não só a primeira incursão do actor e encenador na escrita dramática, mas também a primeira vez que a ex-actriz de filmes pornográficos Ana Monte Real sobe ao palco de um teatro. No entanto, o desassossego deste nosso tempo tem outras facetas para nos mostrar. O colectivo Artes e Engenhos decidiu levar à cena um texto de Jelinek nunca antes representado em Portugal. *Dramas de princesas: a morte e a donzela* questiona a representação do feminino na cultura europeia, lançando um novo olhar sobre as protagonistas de alguns contos de fadas e sobre as histórias de princesas de carne e osso, como Diana de Gales. Nesta obra, escrita pela vencedora do Prémio Nobel da Literatura de 2004, nem o Caçador cede aos encantos da Branca de Neve, nem o beijo que devia despertar a Bela Adormecida impede que esta siga de vez para a sua última morada. Embora o universo feminino também esteja em destaque em *La merda*, com Sílvia Gallerano a interpretar

o papel de uma jovem actriz que tenta triunfar no mundo do espectáculo, o monólogo de Cristian Ceresoli caracteriza-se, sobretudo, pela amplitude da crítica, pela actualidade das considerações políticas e pela magnífica prestação da actriz italiana, distinguida em 2012 com o Stage Award, o Premio della Critica e o Prémio para Melhor Actriz do Fringe de Edimburgo.

MEMÓRIA COMO PROTAGONISTA
Com *Pendência sem mercê de querer beber sem ter o quê* e *24A74 - Salgueiro Maia*, Miguel Sogas e Ricardo Simões fazem, respectivamente, um apelo directo à memória dos espectadores. O primeiro recua aos primórdios do teatro português e leva à cena o *Pranto de Maria Parda*, de Gil Vicente, a *Lamentação do clérigo*, de Anrique da Mota, e várias composições anónimas do cancionero popular português. Com *24A74*, Ricardo Simões adapta para teatro as memórias de Salgueiro Maia, acompanhando o curso dos acontecimentos até à véspera da revolução que libertou o País dos grilhões da ditadura. O processo foi semelhante ao utilizado pelo Teatro Griot para levar à cena *As confissões verdadeiras de um terrorista albino*: as memórias do cárcere de Breyten Breytenbach, conhecido artista e activista sul-africano que se envolveu na luta contra o *apartheid*. A peça estará em cena durante o próximo mês de Fevereiro, num espectáculo que conta com a encenação de Rogério de Carvalho e que foi considerado o melhor de 2014 pelo jornal *Público*. O Teatro Meridional e As boas raparigas também nos trazem adaptações. Mas, no



Sílvia Gallerano, num monólogo de cortar a respiração, foi unanimemente aclamada no Fringe de Edimburgo.

seu caso, foram as palavras de António Lobo Antunes as escolhidas para ganharem vida em cima de um palco. Em *António e Maria*, Maria Rueff entrega-se a um monólogo “esquizofrénico” e interpreta, sozinha, algumas das personagens femininas que povoam a obra do escritor galardoado em 2007 com o Prémio Camões. Por sua vez, em *Sugestões para o lar*, a companhia do Porto concentra-se no ambiente doméstico que serve de pano de fundo à maioria das crónicas de Lobo Antunes, explorando a solidão e a melancolia que as atravessa.

NUNCA É LONGE DE MAIS

Vindos de Faro, Matosinhos e Braga, três espectáculos bem distintos. A ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve é a primeira a entrar em cena com *Instruções para voar*, um texto inédito de Lídia Jorge, escrito a pedido da companhia. Luís Vicente e Elisabete Martins serão Emil e Laura, um homem e uma mulher cuja vida passou a ser assombrada pela figura da mãe ausente. Já *Onde o frio se demora* dá a conhecer a primeira peça de teatro escrita pela jornalista Ana Cristina Pereira, que assim dá voz às memórias, vivências e opiniões de três mulheres de idade e condição social muito distintas, num país marcado pela recessão e pelo envelhecimento. Finalmente, em Maio, a Companhia de Teatro de Braga traz-nos *Oratória do vento*, um texto de Vergílio Alberto Vieira através do qual se cruza a lenda cristã de Santa Maria Egípcíaca com os fundamentalismos que, a cada dia que passa, ganham mais força na Europa e no Médio Oriente.

ÂNGELA PARDELHA

I CAN'T BREATHE

22 JAN // SEX às 21H30

INSTRUÇÕES PARA VOAR

28 a 30 JAN // QUI a SÁB às 21H30

AS CONFISSÕES VERDADEIRAS

13 e 14 FEV // SÁB às 21H30 // DOM às 16H00

DRAMAS DE PRINCESAS

26 e 27 FEV // SEX e SÁB às 21H30

ANTÓNIO E MARIA

12 MARÇO // SÁB às 21H30

PENDENÇA SEM MERCÊ

18 e 19 MAR // SEX e SÁB às 21H30

ONDE O FRIO SE DEMORA

25 a 27 MAR

SEX e SÁB às 21H30 // DOM às 16H00

24A74 - SALGUEIRO MAIA

23 e 24 ABR // SÁB às 21H30 // DOM às 16H00

SUGESTÕES PARA O LAR

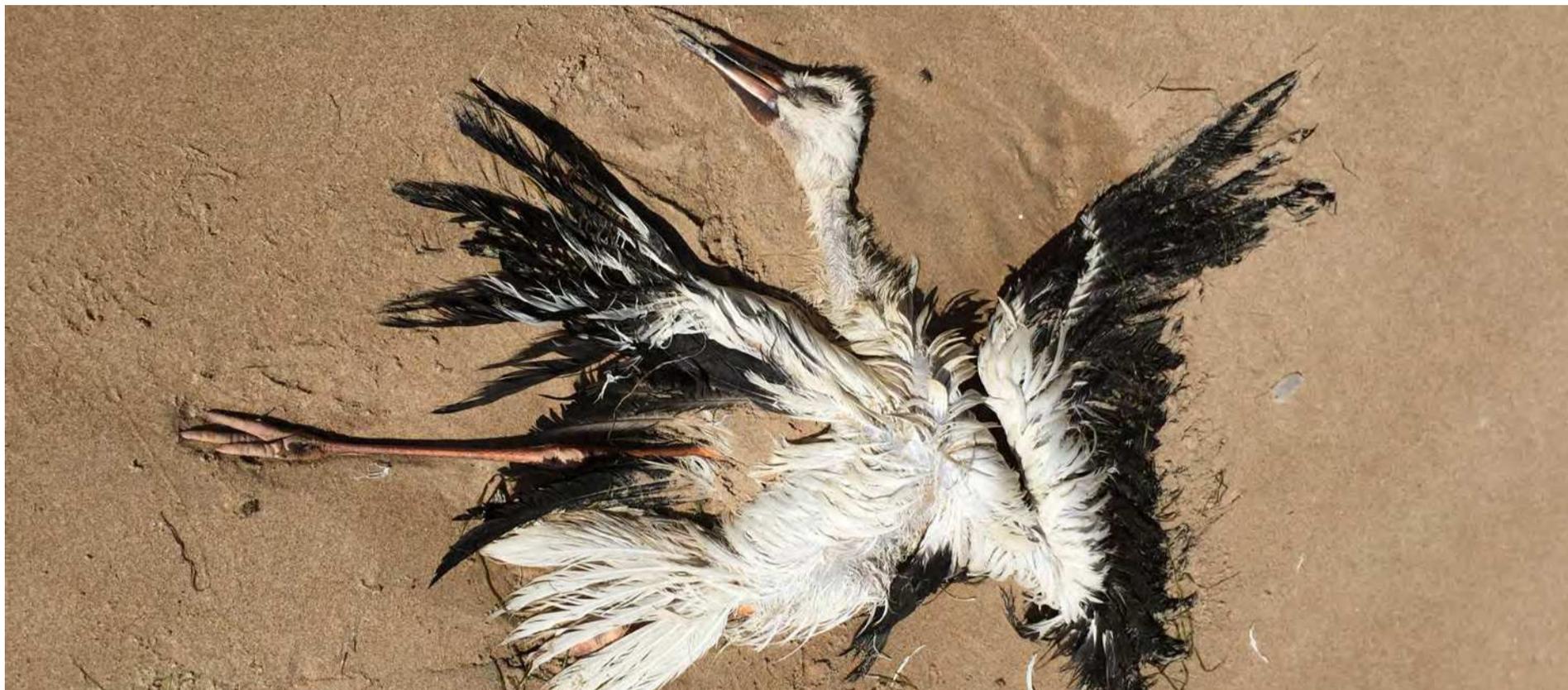
30 ABR // SÁB às 21H30

ORATÓRIA DO VENTO

15 MAI // DOM às 16H00

LA MERDA

21 MAI // SÁB às 21H30



Tchecov dançado, e poesia suspensa

Se alguma vez precisares da minha vida, vem e toma-a, de Victor Hugo Pontes, e **Suspensão**, de Clara Andermatt, são as duas produções de dança da primeira metade do ano: a primeira baseia-se n' *A gaivota*, de Anton Tchecov; a segunda invoca uma multidisciplinaridade que excede a dança, apelando ao seu lado mais performativo, e com a participação de diversos artistas de outras áreas das artes de palco – e não só.

A *gaivota* narra os conflitos de um jovem escritor, conflitos esses que criam uma ligação directa com o espectador, ao mesmo tempo que se apresenta uma visão profunda de uma sociedade cada vez mais vulnerável aos males existenciais. A poesia é um dos recursos mais utilizados, e é sobretudo esta poesia que emerge em *Se alguma vez...* em que a vida e o acto criativo servem de base para o espectáculo. “*A suspensão como movimento perpétuo circular entre encerramento e abertura*. Ser e não ser marcam o ritmo”: é assim que Clara Andermatt fala do seu novo projecto.

SE UMA GAIVOTA VOASSE

Em *Se alguma vez...* Tchecov é o ponto de chegada mas também de partida. O movimento dos bailarinos é inspirado, por um lado, na dramaturgia original do autor, e por outro numa versão não linear da mesma história – *para além da gaivota* – que estimula a subjectividade de cada um, de modo a que o espectador veja aquilo que quer ver neste Tchecov dançado. Para o coreógrafo, alguns dos pontos mais interessantes do autor russo são o tempo no drama, a composição de enredos a partir de acontecimentos banais, e a representação de personagens enquanto seres humanos comuns. São estes elementos que Victor Hugo Pontes procura transmitir, trabalhando com bailarinos de diferentes gerações e formações, e testando os limites das possibilidades da dança, partindo

da sucessão, e também da suspensão no tempo, num lugar onde as questões fundamentais que nos assolam enquanto humanidade permanecem imutáveis.

SUSPENDE-SE O TEMPO

Uma coreógrafa e dois compositores: Andermatt alia-se a Jonas Runas e a António Sá Dantas. Um solo, um trio, uma performance, um concerto e uma dança: são estes os vários momentos no tempo em que decorre *Suspensão*, uma colaboração que une a composição à improvisação e à experimentação. *Suspensão* é a primeira fase de um projecto que se divide em duas fases distintas, e que marca o regresso de Andermatt aos palcos; um trabalho concluído com a colaboração de vários artistas, após um mês de residência no Teatro Viriato. Segundo a coreógrafa, este espectáculo “*incide numa forte exploração sonora criada a partir de sistemas eletroacústicos accionados pelo corpo, com o movimento e a luz criados em simultâneo*”. Uma narrativa que ganha forma e materialidade independentemente do espaço, e cuja mensagem, tal como em *Se alguma vez...*, permanece suspensa. | LILIANA MONTEIRO

SE ALGUMA VEZ...

Dir. e coreografia de Victor Hugo Pontes

04 MARÇO // SEX às 21H30

SUSPENSÃO

Direcção de Clara Andermatt

13 MAIO // SEX às 21H30



**Clara
ANDERMATT**

Iniciou os seus estudos de dança com Luna Andermatt. Em 1980 ingressou no London Studio Centre de Londres. Na mesma altura recebeu o diploma de grau avançado da Royal Academy of Dance. Foi bailarina da Companhia de Dança de Lisboa, e da Companhia Metros de Ramón Oller (1989-91, Barcelona). Em 1991 criou a sua própria estrutura. Já em 1994 iniciou uma colaboração com Cabo Verde, realizando diversos espectáculos com artistas desse país. Ao longo da sua carreira tem sido distinguida com diversos prémios, dos quais se destacam: 1º Prémio do III Certamen Coreográfico de Madrid (1989); Menção Honrosa do Prémio Acarte (1992); Prémio Acarte/Madalena Azeredo Perdigão (1994); Prémio Almada; e Espectáculo de Honra do Festival de Almada (1999).



**Victor Hugo
PONTES**

É licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. Completou a sua formação com vários cursos de Teatro, com o curso de Pesquisa e Criação Coreográfica do Fórum Dança e com o curso de Encenação da Fundação Calouste Gulbenkian. No estrangeiro, frequentou a Norwich School of Art & Design e o Project Thierry Salmon – La Nouvelle École des Maîtres. Em 2013 foi nomeado com o espectáculo *A ballet story* para os prémios SPA na categoria de Dança – Melhor Coreografia. Trabalha actualmente como actor, cenógrafo, professor, coreógrafo e encenador. Victor Hugo Pontes integrou a equipa criativa do espectáculo *A gaivota*, com encenação de Nuno Cardoso, assim como das obras *Platonov* e *As três irmãs*, também de Tchecov.

Do “soul” à ópera: tocar a música de todos e para todos

Nos primeiros seis meses do ano o Teatro Municipal Joaquim Benite convida-o a descobrir novos intérpretes e novas sonoridades, e também a visitar os clássicos. Teremos um programa variado que inclui *As bodas de Fígaro*, pela Orquestra Metropolitana; concertos de música clássica – nos quais Mozart e Chausson são os compositores em destaque; e música contemporânea portuguesa, com o *soul* dos HMB e as melodias de Tiago Bettencourt.



A Orquestra Geração, um projecto de inclusão social pela música, actua pela primeira vez no TMJB.

Porque a música não é só uma arena de melodias e sons, mas sim um intrincado e sublime meio para se contar histórias, tão antigas quanto o Mundo, são várias as narrativas que apresentamos este ano. Se em *As bodas de Fígaro*, de Wolfgang Amadeus Mozart, se questionam as precariedades da natureza humana, a Orquestra de Câmara Portuguesa traz-nos um outro Mozart, com a grandiosa *Sinfonia no. 40* e a *Sinfonia no. 41*, exemplos maiores do início do período romântico da música europeia. É com essa mesma grandiosidade que o pianista António Rosado, juntamente com o violinista Massimo Spadano e o Ensemble Darcos, nos brindam com obras do francês Ernest Chausson, do espanhol Joaquín Turina e do português Alexandre Delgado, naquela que é uma viagem imbuída de tradição por terras francófonas e ibéricas. Já a Orquestra Geração conta-nos a história de um projecto de inclusão social, através da música. Numa nota mais contemporânea, é através dos HMB e de Tiago Bettencourt que ouvimos as vozes das mais novas gerações da música nacional.

MOZART ATEMPORAL

As bodas de Fígaro, composta em 1786, é uma obra célebre pela profunda e rara sátira aos hábitos da nobreza da época, e pela crítica impiedosa a alguns dos valores que nos guiam enquanto sociedade. São descritas as peripécias que envolvem os pre-

parativos do casamento de Susanna com Fígaro, criados da Condessa e do Conde Almaviva. O Conde apaixonou-se por Susanna e quer tê-la para si a qualquer custo. Com direcção musical de Pedro Amaral, e direcção cénica de Jorge Vaz de Carvalho, os jovens cantores do Atelier de Ópera da Metropolitana interpretam uma das óperas mais populares de todos os tempos.

SILÊNCIO, MÚSICA, MAESTRO

A música continua no registo instrumental. Três orquestras sobem ao palco da Sala Principal do TMJB. A Orquestra de Câmara Portuguesa celebra no seu repertório duas das mais gravadas e executadas sinfonias de sempre, a *Sinfonia no. 40* em sol menor, ou a *Grande*, e a *Sinfonia no. 41* em dó maior, também conhecida por *Júpiter*, ambas de Mozart. Tanto a *Grande* como *Júpiter* estrearam em 1791, precisamente no ano da morte do compositor, constituindo para muitos o auge do trabalho de Mozart. Da Áustria viajamos até França e até à Península Ibérica. António Rosado, um dos pianistas portugueses de referência, junta-se ao violinista italiano Massimo Spadano, e ao Ensemble Darcos, para interpretar obras de Chausson, de Turina e de Delgado. O *Concerto para piano, violino e quarteto de cordas* de Chausson é uma das obras fundamentais da música de câmara ocidental. O crítico e compositor inglês Kaikhosru Sorabji referiu-se a esta obra como “*uma das mais belas e originais composições de música de câmara dos tempos modernos*”. Este é um

concerto que o director do Ensemble Darcos, Nuno Côrte-Real, espera que venha a ser inesquecível: “*Chausson é um colosso da música de câmara e a sua obra ainda é pouco tocada. Será uma noite digna de destaque*”. O TMJB acolhe ainda o projecto Orquestra Geração, no qual são as crianças e os jovens em situação de risco social que dão vida aos mais variados repertórios. É essa diversidade e originalidade que se pode esperar deste concerto. No seu repertório – que, sem se limitar à música clássica, abrange também o jazz, por exemplo – constam nomes como Vivaldi, Bach ou Dvorák. Os jovens músicos já colaboraram com artistas como Mário Laginha, Camané, ou Rodrigo Leão.

HMB E TIAGO BETTENCOURT

O *soul*, o *gospel*, o *jazz*, o *hip-hop* e o *R&B* servem de inspiração para os temas dos HMB. Neste concerto a banda irá cantar temas dos dois álbuns já lançados pelo grupo, onde se incluem *Dia D*, *Talvez*, *NMDP* e *Naptel Xulima*. Depois de já ter marcado presença nos Coliseus de Lisboa e do Porto, Tiago Bettencourt chega finalmente ao TMJB. A noite terá como banda sonora os mais recentes trabalhos do cantor e compositor, e temas de um passado mais longínquo, com referências aos projectos Toranja e Mantha. Tiago Bettencourt espera que as suas canções “*resistam ao corroer do tempo, e envelheçam humanas, dentro de quem as quiser levar consigo, como companheiras de viagem*”

LILIANA MONTEIRO

AS BODAS DE FÍGARO

Direcção musical de Pedro Amaral
Dir. cénica de Jorge Vaz de Carvalho

17 FEVEREIRO

QUA às 20H00

TIAGO BETTENCOURT

27 FEVEREIRO

SÁB às 21H30

ORQUESTRA DE CÂMARA PORTUGUESA

Direcção musical de Pedro Carneiro

06 MARÇO

DOM às 16H00

HMB

07 MAIO

SÁB às 21H30

ANTÓNIO ROSADO E ENSEMBLE DARCOS

03 JUNHO

SEX às 21H30

ORQUESTRA GERAÇÃO

04 JUNHO

SÁB às 21H30

Teatro para a infância



O FANTASMA DAS MELANCIAS
06, 07 e 09 FEVEREIRO // SÁB às 16H | DOM às 11H | TER às 16H



AFONSO HENRIQUES 3 EM 1
20 e 21 FEVEREIRO // SÁB às 16H | DOM às 11H



D. RAPOSA E OUTROS ANIMAIS
05 e 06 MARÇO // SÁB às 16H | DOM às 11H



TROLL TIMES
12 e 13 MARÇO // SÁB às 16H | DOM às 11H



BARBA AZUL
02 e 03 ABRIL // SÁB às 16H | DOM às 11H



VERDI QUE TE QUERO VERDI
16 e 17 ABRIL // SÁB às 16H | DOM às 11H



OS GATOS
07 e 08 MAIO // SÁB às 16H | DOM às 11H



O SOLDADINHO
21 e 22 MAIO // SÁB às 16H | DOM às 11H



A CORES
04 e 05 JUNHO // SÁB às 16H | DOM às 11H

OFICINAS AO SÁBADO

Através da observação, do diálogo e da concretização de pequenas acções criativas, iremos descobrir o que são o teatro, as artes e os artistas lançando sementes para pequenos grandes públicos, entre os cinco e os onze anos.

Mas o que é isto do teatro? // 13 e 27 fev // 15h00

À descoberta do teatro azul // 09 e 23 ABR // 15h00

Lugares imaginários // 30 ABR e 14 MAI // 15h00

De onde vem a luz? // 28 MAI e 11 JUN // 15h00

O meu corpo, outro espaço // 18 e 25 JUN // 15h00